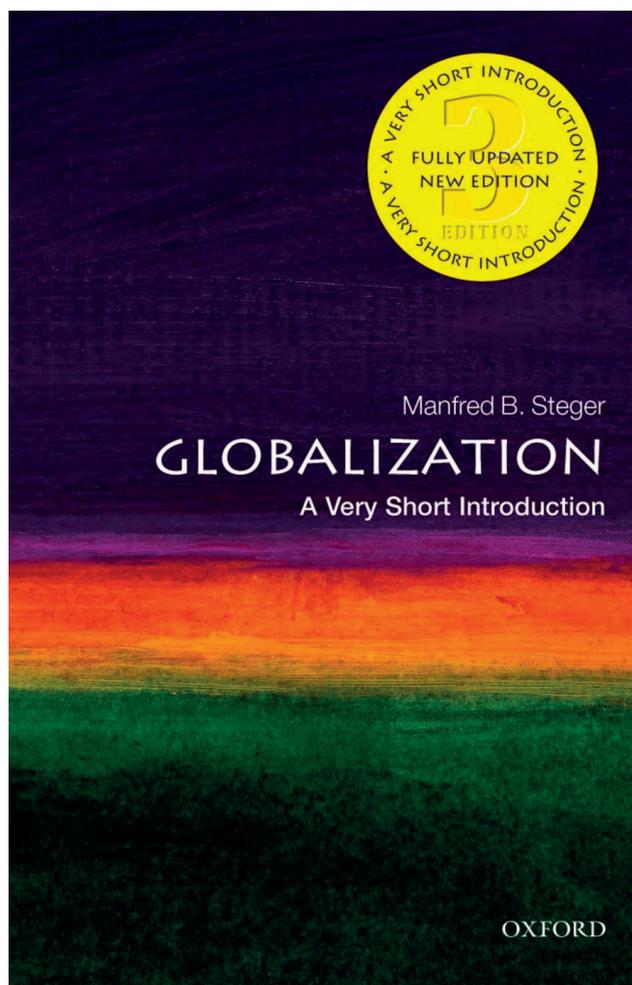


**Steger, M. B. (2013). *Globalization – A Very Short Introduction*.
Oxford University Press. Oxford: 148 pp.**

ANA CATARINA MESQUITA¹



O termo «globalização» tornou-se uma presença assídua no mundo contemporâneo, à medida que as várias partes do planeta se foram aproximando, por meio dos avanços tecnológicos, o que conduziu a mudanças estruturais na sociedade que hoje conhecemos. Na opinião de Waters (1999), a globalização pode ser encarada como um processo social por meio do qual se reduzem os constrangimentos geográficos relativamente aos processos culturais e sociais, realidade de que as pessoas tomam cada vez mais consciência. Paralelamente, Giddens (1991: 69) refere que «a modernidade é inerentemente globalizante».

É neste contexto que o conceito de globalização é apresentado na obra de Manfred B. Steger, nas suas múltiplas facetas. Efetivamente, o

==

¹ Doutoramento em Estudos Globais, Universidade Aberta.

livro *Globalization – A Very Short Introduction* encontra-se estruturado em oito capítulos, que passam em revista a evolução do mundo global, sob diferentes perspetivas: capítulo 1 – «Globalization: a contested concept»; capítulo 2 – «Globalization in History: is globalization a new phenomenon?»; capítulo 3 – «The economic dimension of globalization»; capítulo 4 – «The political dimension of globalization»; capítulo 5 – «The cultural dimension of globalization»; capítulo 6 – «The ecological dimension of globalization»; capítulo 7 – «Ideologies of globalization: market globalism, justice globalism, religious globalism»; capítulo 8 – «The future of globalization».

O autor começa por fazer uma importante inferência sobre o conceito de globalização:

Globalization emerged as the buzzword of the 1990s, because it captured the increasingly interconnected nature of social life on our planet mediated by the ICT revolution and the global integration of markets. Twenty-five years later, globalization has remained a hot topic. (p. 1)

Na verdade, este é um conceito muito atual, mas que conduz a uma variedade de discussões em torno de uma definição possível, que albergue todos os sentidos que implica, o que se torna desafiante e complexo. Rosenau (1997: 360-361) apresenta uma proposta para que a globalização inclua «qualquer desenvolvimento que facilite a expansão da autoridade, de políticas

e interesses além das fronteiras territoriais socialmente construídas». Na verdade, as condições do fenómeno da globalização são imensas e, por vezes, contraditórias.

A globalização implica uma compreensão efetiva das interações a nível local, nacional e internacional. Dessa forma, o autor apresenta este conceito como um conjunto de processos sociais que levam à condição social da globalidade, através da crescente consciência de que estamos interligados à escala global. Steger acaba por apresentar quatro características da globalização que considera essenciais: a criação de novas redes sociais e a multiplicação das relações existentes e que vão além das fronteiras políticas, económicas e culturais; a expansão das relações, atividades e conexões sociais; a intensificação e aceleração das trocas e atividades sociais; o facto de os processos da globalização não ocorrerem com base apenas num plano material e objetivo, envolvendo também o plano subjetivo da consciência humana (pp. 15-16). O autor chega mesmo a propor uma curta definição de globalização: «Globalization is about growing worldwide interconnectivity» (p. 17), com uma clara referência ao facto de as várias partes do globo estarem cada vez mais interligadas.

Como leitores, assistimos também a uma breve história da globalização, salientando que o contacto entre diversos indivíduos não é novo. Na verdade, tudo começou quando as tribos pré-históricas se estabeleceram e

foram capazes de superar as tribos errantes. Já no período pré-moderno houve avanços tecnológicos que permitiram que o comércio e a comunicação florescessem. No período moderno, nasceram o capitalismo e os mercados regionais, com a Revolução Industrial a proporcionar enormes avanços na tecnologia, embora em detrimento do meio ambiente. A era contemporânea é apresentada como uma era de convergência, com pessoas interconectadas por meio de sistemas económicos e tecnológicos desregulados. Efetivamente, a globalização compreende vários processos e diversas dimensões, que interagem entre si e que tornam este conceito estruturante e com múltiplas leituras possíveis.

Relativamente à economia, o escritor explora o facto de a forma como as pessoas levam a efeito a produção económica ter mudado ao longo dos tempos. A ordem económica global surgiu após a Segunda Guerra Mundial, quando a Conferência de Bretton Woods lançou as bases para o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial e a Organização Mundial do Comércio. Nos anos 80, o neoliberalismo liberalizou as transações financeiras. Contudo, esse crescimento instável levou ao Grande Crash Financeiro. As empresas transnacionais rivalizavam com os Estados-nação em poder económico, o que conduziu a um efeito profundo na estrutura e na função da economia global. Steger afirma que o Consenso de Washington foi organizado para conduzir reformas nos países em desenvolvimento endividados, mas

essa realidade raramente aconteceu. De facto, a intensificação das relações económicas à escala global não nasce do nada. Pelo contrário, segundo o autor, baseia-se numa série de decisões políticas, pelo que crê serem erradas as visões que consideram a atividade política como o aspeto central da globalização, isolado de outros parâmetros.

Para Steger, a política tradicional abrigava uma mentalidade de «nós» e «eles», que mudou com a globalização contemporânea, levando a um esbatimento das fronteiras. O autor expõe que, segundo os céticos da globalização, o surgimento de organizações como as Nações Unidas ameaçou o Estado-nação. No entanto, os governos nacionais ainda detêm poderes significativos. Houve um aumento no número de instituições supraterritoriais, operando do nível local até ao global. De facto, alguns conseguem visionar uma sociedade civil global, embora os críticos questionem a viabilidade desta realidade.

No que diz respeito à cultura em tempo de globalização, o autor explora a intensificação e expansão dos fluxos culturais em todo o mundo, apresentando as visões opostas dos críticos da globalização cultural, que afirmam que o mundo está a ser homogeneizado ou «americanizado», e dos seus defensores, para quem a globalização revigora as culturas menores, em vez de as eliminar. A existência do imaginário global está ligada ao surgimento de redes de comunicação globais, que per-

tencem a um pequeno grupo de empresas transnacionais, o que, de acordo com Steger, pode afetar a integridade jornalística. Importa ainda destacar a importância da língua inglesa no contexto da globalização como língua internacional por excelência: «Today, more than 80 per cent of the content posted on the Internet is in English. Almost half of the world's growing population of foreign students is enrolled at institutions in Anglo-American countries» (p. 91).

A Revolução Industrial causou muitos problemas ecológicos, incluindo escassez de recursos e alimentos, poluição, superpopulação, redução da biodiversidade e mudanças climáticas, questões globais que resultam da ação humana e que exigem uma resposta imediata. No entanto, ainda há debates sobre a seriedade das questões ecológicas e, embora tenham sido feitos progressos, poucas medidas multilaterais foram efetivamente implementadas, o que coloca em causa a sobrevivência do planeta. Por isso, Steger afirma que a globalização, com todos os seus aspetos positivos, teve também um impacto negativo muito relevante no ambiente: «it has become abundantly clear to many people that the contemporary phase of globalization has been the most environmentally destructive period in human history» (p. 108). Perante esta realidade, coloca-se, no entanto, em causa se haverá de facto colaboração internacional no sentido da proteção ambiental efetiva ou se valores económicos falarão mais alto.

Paralelamente, são discutidas na obra as ideologias subjacentes à globalização, com os valores e significados que lhe são associados. Steger aponta: «Today, three types of globalism compete for adherents around the world» (p. 110), referindo-se ao globalismo de mercado, de justiça e religioso. Muitos são os defensores do globalismo de mercado, a favor de um mundo consumista, neoliberal e de livre mercado. No entanto, o autor reforça que as desigualdades podem aumentar.

Olhando para o futuro da globalização, no século XXI, o autor considera vários problemas do mundo atual, desde o terrorismo internacional às consequências da crise financeira global. Poderíamos juntar a estas questões a situação que vivemos no presente, referente à propagação do novo coronavírus, que tem parado o mundo. Também as desigualdades e a instabilidade precisam de ser combatidas, de modo a impedir que certos capítulos da História se repitam ou que outros muito negativos surjam.

Desta forma, torna-se fundamental a luta por um mundo ético e com oportunidades de acesso à globalização por parte de todos, o que é, como sabemos, extremamente difícil. Como escreve Steger,

these transformative social processes must be guided by the ethical polestar of cosmopolitanism: the building of a truly democratic and egalitarian global order that protects universal human rights without destroying

the cultural diversity that is the lifeblood of human evolution. (p. 134)

Ao longo da obra, Manfred B. Steger explora, de forma clara, concisa e objetiva, as várias dimensões da globalização, refletindo sobre os aspetos positivos e negativos de todo este processo. Desta forma, apresenta ao leitor comum uma análise muito lúcida de um fenómeno tão atual como este, através de uma linguagem acessível, que nada tem de obscura, ainda que erudita, e que nos coloca várias questões inerentes a este processo. De referir ainda a ampla investigação que notoriamente subjaz a este livro e que o autor tão bem soube compactar neste estudo de fácil leitura, que apela a qualquer indivíduo do mundo contemporâneo, uma vez que explora questões que interessam a todos nós.

Saliente-se a mensagem de que devemos partir do princípio de que a força da globalização tem levado a que os direitos humanos sejam, por vezes, desrespeitados, sendo urgentes esforços no sentido de combater esta realidade, o que nos remete também para a responsabilidade social das empresas. Como refere Almeida (2010: 19), «muitas empresas

foram obrigadas a repensar os critérios éticos da sua conduta», ou seja, tiveram de começar a ter em consideração a tomada de decisões consideradas responsáveis do ponto de vista social. Deste modo, ainda que a responsabilidade pela aplicação dos padrões internacionais de direitos humanos seja, em primeira instância, dos governos, há uma visão crescente de que as empresas também têm um papel determinante a desempenhar.

Não obstante, o entendimento da globalização como fenómeno multifacetado engloba muitas interpretações, mas nenhuma delas deverá colocar em causa a igualdade entre todos no acesso às oportunidades.

Bibliografia

- ALMEIDA F. (2010). *Ética, Valores Humanos e Responsabilidade Social das Empresas*. Principia Editora. Lisboa;
- GIDDENS, A. (1991). *As consequências da modernidade*. Editora UNESP. São Paulo;
- ROSENAU, J. (1997), The complexities and contradictions of globalization. *Current History: A journal of contemporary world affairs*: 360-364;
- STEGER, M. B. (2013). *Globalization – A Very Short Introduction*. Oxford University Press. Oxford;
- WATERS, M. (1999). *Globalização*. Celta. Oeiras.